

LÍNGUA DE HERANÇA E PRIVAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS¹

Inheritance language and sign language deprivation



LIBRAS

Ronice Müller de Quadros²

Diane Lillo-Martin³

RESUMO

As línguas de sinais são adquiridas de diferentes maneiras, de acordo com o contexto de aquisição de filhos surdos e ouvintes de pais surdos e de filhos surdos de pais ouvintes. Como são línguas usadas por comunidades inseridas em comunidades que falam outra língua, os falantes/sinalizantes de línguas de sinais têm estas línguas como línguas de herança. As línguas de herança são aquelas usadas especialmente no contexto familiar ou em contextos bastantes restritos dentro de uma comunidade que usa outra língua. Por exemplo, os surdos brasileiros filhos de pais surdos, usam a Libras no Brasil, onde a língua usada de forma ampla é a Língua

ABSTRACT

Sign languages are acquired in different ways, according to the context of acquisition of deaf and hearing children of deaf parents and of deaf children of hearing parents. As they are languages used by communities inserted in communities that speak another language, sign language speakers/signalers have these languages as heritage languages. Inheritance languages are those used especially in the family context or in very restricted contexts within a community

¹ Acesse aqui para ler em Libras: https://youtu.be/t87bpXEvP_Y.

² Universidade Federal de Santa Catarina.

³ University of Connecticut.

Portuguesa. Os sinalizantes de língua de herança apresentam uma variação de possibilidades de aquisição da Libras (ou outra língua de sinais). Entre estas possibilidades, existem os casos de privação da língua de sinais. A privação da língua de sinais acontece, especialmente, no contexto familiar de filhos surdos com pais ouvintes, uma vez que estes pais não usam a língua de sinais e, em alguns casos, são recomendados a não usarem essa língua em função da crença de que ela atrapalharia a aquisição da Língua Portuguesa. Neste artigo serão apresentadas as variações de língua de sinais enquanto língua de herança. No caso específico de filhos surdos de pais ouvintes, será apresentado um conjunto de argumentos com base em pesquisas para garantir o acesso à língua de sinais, no sentido de evitar a privação da linguagem atestada em vários casos entre crianças surdas.

that uses another language. For example, Brazilian deaf children of deaf parents use Libras in Brazil, where the language widely used is Portuguese. Inheritance language signers present a range of possibilities for acquiring Libras (or another sign language). Among these possibilities, there are cases of sign language deprivation. Sign language deprivation happens especially in the family context of deaf children with hearing parents; since these parents do not use sign language and, in some cases, they are recommended not to use this language due to the belief that it would hinder the acquisition of the Portuguese language. In this article, variations of sign language as a heritage language will be presented. In the specific case of deaf children of hearing parents, a set of arguments based on research will be presented to guarantee access to sign language, in order to avoid language deprivation attested in several cases among deaf children

PALAVRAS-CHAVE

Privação da linguagem, aquisição de língua de sinais, direito linguístico

KEYWORDS

Language deprivation, sign language acquisition, linguistic Right

1. Língua de sinais como língua de herança: diferentes contextos e seus efeitos

Língua de herança é aquela que herdamos de nossos pais ou de nossa comunidade em contextos de práticas linguísticas em que há outra língua usada e estabelecida nos diferentes espaços sociais e culturais nos quais transitamos. No caso específico dos surdos brasileiros, a Libras é uma língua herdada pelos

país ou pelas comunidades surdas em um país em que a Língua Portuguesa é usada em muitos espaços, tais como nas escolas, nas mídias e nos demais espaços públicos e privados. A Libras, portanto, é uma língua mais local, apesar de ser nacional, quando comparada à Língua Portuguesa. Aí, então, se configura como uma língua de herança (QUADROS, 2017).

No caso das comunidades surdas, há diferentes contextos de língua de sinais enquanto língua de herança e se identificam muitas variáveis que acabam impactando na aquisição das línguas e nas práticas linguísticas implementadas por cada pessoa. A seguir, discutiremos três diferentes grupos inseridos nas comunidades surdas que apresentam diferentes possibilidades de bilinguismo:

- Os surdos filhos de pais surdos
- Os ouvintes filhos de pais surdos
- Os surdos filhos de pais ouvintes

Os surdos filhos de pais surdos são sinalizantes da Libras como língua de herança. Nesse contexto, adquirem a língua de sinais e durante a vida (nas escolas, por exemplo) vão adquirir a Língua Portuguesa e se tornar bilíngues. No entanto, as pesquisas indicam que mesmo nesse contexto, há variação entre os bilíngues de Libras e Língua Portuguesa que podem variar desde os bilíngues balanceados, ou seja, que apresentam um trânsito muito bom nas duas línguas e nos seus usos, até os bilíngues desbalanceados, ou seja, que dominam mais uma língua do que a outra (QUADROS, 2017). Neste último caso, o mais comum é ser mais fluente na Libras do que na Língua Portuguesa; até porque caracteriza-se, muitas vezes, em diglossia (MACKRIDGE, 2019). Configura-se a diglossia nesse contexto porque os surdos acabam usando as duas línguas para diferentes finalidades. A Libras é mais comumente usada na vida diária em praticamente todos ambientes de práticas linguísticas (como na escola, trabalho, lazer, igreja) e a Língua Portuguesa acaba tendo usos em contextos mais específicos, envolvendo, na grande maioria das vezes, a leitura e a escrita (QUADROS et. al. 2019).

Esta situação diglósica também se aplica aos surdos filhos de pais ouvintes. No entanto, há uma diferença importante entre estes dois grupos de surdos. Os filhos de pais surdos crescem usando a Libras em casa, com seus pais, enquanto os filhos surdos de pais ouvintes comumente não têm a referência da Libras em casa desde o seu nascimento. Esta diferença implica nas formas

de acesso à língua de herança, ou seja, a Libras, no caso do Brasil. A transmissão da língua de sinais acontece, quando acontece, de outras formas. Os pais ouvintes tendem a seguir as orientações dos médicos que, muitas vezes, aconselham o não uso da língua de sinais. As consequências deste tipo de encaminhamento são muito sérias, pois estas crianças surdas acabam não adquirindo a linguagem, mesmo quando submetidas a intervenções clínicas para aprender a falar a língua oral, no caso brasileiro, a Língua Portuguesa.

Nos casos em que os pais ouvintes são orientados a expor seus filhos à língua de sinais, normalmente esses pais também vão aprender a língua de sinais. Sendo assim, a criança surda começa a ter contato com uma língua de sinais na sua própria casa e, provavelmente, em algum atendimento com a presença de um profissional surdo ou bilíngue e entram em contato com outras crianças surdas. Esta exposição pode garantir o estabelecimento da aquisição da linguagem.

No entanto, de maneira geral, constatamos que as crianças surdas iniciam o contato com a língua de sinais entre os seis e doze anos de idade na escola (QUADROS et al. 2019). Os interlocutores dessas crianças, que se tornam suas referências da Libras, são os professores que sabem pelo menos um pouco dessa língua e os intérpretes de Libras e Língua Portuguesa que atuam nas escolas. Quadros et al. (2019) verificaram que a interação na Libras acontece com pessoas que a aprenderam como segunda língua por razões profissionais. A motivação destes profissionais para o uso desta língua não está diretamente relacionada com as práticas linguísticas que os surdos apresentam no seu cotidiano. Assim, a transmissão da Libras acontece por vias tortas. Para mudar esta situação, a educação das crianças surdas desde a educação infantil que compreende o período de até cinco anos de idade, precisa ser organizada de tal maneira que possa garantir um ambiente bilíngue no qual a Libras transite enquanto prática linguística interativa no espaço escolar. Para estes casos, a língua de herança é estabelecida pelas comunidades de usos da língua, enquanto os próprios pais estão também aprendendo a Libras.

Os ouvintes filhos de pais surdos, chamados também de Codas (*Children of deaf adults*), têm a Libras como língua de herança. No entanto, diferentemente dos surdos, filhos de pais surdos acabam tendo uma relação muito intensa com as práticas linguísticas na Língua Portuguesa, afinal de contas escutam esta língua. Há também muita variação entre as diferentes experiências linguísticas dessas crianças. Algumas nascem em famílias de surdos que garantem práticas

linguísticas em Libras muito positivas, incluindo outras crianças surdas e ouvintes que também são filhas de pais surdos, convivendo com as comunidades surdas, além do convívio intenso com seus pares ouvintes, especialmente na escola. Há outros casos em que as crianças ouvintes têm contato com a língua de sinais apenas em casa, com seus pais. Quando isso acontece, o contexto isolado de prática linguística acaba sendo muito restrito e impacta na aquisição da língua de sinais. Nesses casos, muitas vezes, essas crianças têm a Língua Portuguesa como língua primária, enquanto a Libras passa a ser sua língua secundária, exatamente por seu uso ser bastante restrito. Entre as diferentes experiências vividas pelos Codos, verifica-se que alguns tornam-se bilíngues balanceados, enquanto outros acabam tendo uma língua de sinais menos produtiva, comparada com as práticas linguísticas intensas na Língua Portuguesa.

Dentre esses três grupos, os surdos, filhos de pais ouvintes, são os que apresentam o maior risco de privação da linguagem. Quando os pais decidem não expor seus filhos surdos à língua de sinais, essas crianças acabam sendo privadas da aquisição da linguagem. Mesmo quando há programas intensos de intervenção linguística por meio do ensino da fala (oralização), os estudos apresentam evidências de que estas crianças acabam tendo o desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento cognitivo comprometidos (ISRAELITE, N. et al. 1992; JOHNSON et al. 1995; MORFORD & MAYBERRY, 2000; MAYBERRY, 2012).

O que é privação da linguagem? Não permitir o acesso à língua. Muitas vezes, as crianças surdas são privadas de ter acesso à língua de sinais. No caso específico dessas crianças, as consequências são muito sérias, com implicações no desenvolvimento linguístico, cultural, social e cognitivo (QUADROS, 1997). Estas consequências estão relacionadas com implicações em função do período sensível para a aquisição da linguagem. Segundo Lenneberg (1967), a aquisição da linguagem fica mais difícil com o passar dos anos.

A primeira língua não pode ser adquirida com a mesma facilidade durante todo o período compreendido entre a infância e a senectude (velhice). Ao mesmo tempo em que a lateralidade cerebral se torna firmemente estabelecida (por volta da puberdade), os sintomas da afasia adquirida tendem a se tornar irreversíveis em cerca de três a seis meses a partir de seu início. O prognóstico de recuperação completa rapidamente deteriora-se com o avanço da idade depois da adolescência. Os limites para a aquisição da

primeira língua por volta da puberdade são ainda demonstrados em casos de pessoas com retardo mental, que frequentemente conseguem fazer progressos lentos e modestos na aquisição da linguagem até o início da adolescência, período em que o *status* de sua língua e linguagem tornam-se permanentemente consolidados. (LENNEBERG, 1967, p. 178)⁴.

Curtiss (1977) cita o caso da Gennie que ficou trancada em um quarto por muitos anos. Ao ser encontrada, passaram a intervir para dar a ela a oportunidade de aprender uma língua, mas verificaram que ela teve muitas dificuldades de recuperar o que não havia tido acesso no período no qual deveria ter tido contato com uma língua. No caso específico das crianças surdas, o período sensível é muito mais impactante na aquisição da L1 e, conseqüentemente, da L2. O fato da aquisição da linguagem não acontecer de forma apropriada por meio da primeira língua, no caso, a língua de sinais, compromete gravemente o desenvolvimento da criança. Diferente das crianças ouvintes, que acabam acessando a língua de alguma maneira ouvindo a língua ser falada por várias pessoas, as crianças surdas ao não ouvirem a língua falada e não verem a língua de sinais, acabam tendo comprometimentos mais sérios de ordem linguística que podem impactar no seu desenvolvimento geral.

Johnson & Newport (1989) reportam que vários estudos evidenciam o declínio nas habilidades na L2 para os que tiveram atrasos no desenvolvimento da primeira língua. Portanto, a aquisição da segunda língua é mais efetiva quando há exposição à primeira língua, especialmente no caso dos surdos.

Os efeitos da aquisição tardia nas crianças surdas estão sendo atestados em diferentes pesquisas (ver por exemplo Mayberry 2010). As pesquisas conduzidas pelo Laboratório da Rachel Mayberry têm demonstrando uma série de evidências dos efeitos da privação da língua de sinais no desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda. Esses estudos reforçam a existência de um período sensível para a aquisição da linguagem que envolve o início do estabelecimento da linguagem, desde o nascimento até os primeiros anos de vida. As crianças privadas de terem acesso à língua de sinais neste período, acabam tendo comprometidos aspectos importantes do desenvolvimento linguístico. Há efeitos em múltiplas áreas da gramática. Os estudos indicam que mesmo quando a pessoa adquire habilidades comunicativas mais tarde, ainda são observados efeitos da aquisição tardia.

⁴ Tradução de Quadros e Finger (2013).

Além destes aspectos, a privação da linguagem pode impactar no ser, ou seja, no ser pessoa, por meio da repressão, causando tristeza, revolta, comprometimento social e cultural. A privação da L1 compromete o desenvolvimento bilíngue das crianças surdas e impacta na vida social destas pessoas (QUADROS, 2017).

Considerando esses estudos, torna-se importante garantir o acesso à língua de sinais a todas as crianças surdas desde o nascimento. Atenção especial deve ser dada ao papel das escolas no processo de aquisição da linguagem juntamente com as famílias das crianças surdas.

2. Argumentos favoráveis ao acesso à língua de sinais

As pesquisas apresentam evidências quanto à importância da língua de sinais para as crianças surdas (por exemplo, Mayberry, 2010). A exposição precoce à língua de sinais impacta no seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e social. As crianças surdas expostas à língua de sinais precocemente têm uma base sólida na primeira língua e sustentam a aprendizagem da segunda língua e demais conhecimentos (DAVIDSON, LILLO-MARTIN e CHEN-PICHLER, 2013). As crianças surdas expostas tardiamente à língua de sinais até podem se tornar muito fluentes nesta língua, mas as crianças com acesso precoce são mais rápidas e mais eficientes no processamento da linguagem e no processamento gramatical (EMMOREY & CORINA 1990; EMMOREY et al. 1995).

Outro fator a ser considerado é que o primeiro ano de aquisição da linguagem é crucial para o estabelecimento da base fonológica que sustenta a aquisição da língua. Nesse período inicial, o bebê estabelece a discriminação fonêmica, as restrições fonotáticas e a análise prosódica. Uma base fonológica fraca cria um efeito dominó nos atrasos de processamento da linguagem (MORFORD&MAYBERRY, 2000), pois o processamento fonológico não estabelecido de forma apropriada requererá esforço extra, causará atrasos na decodificação dos sinais, aumentará o esforço da memória de trabalho resultando na baixa efetividade do processamento da estrutura complexa.

As crianças Cotas e as crianças surdas filhas de pais surdos evidenciam que a aquisição da língua de sinais não traz prejuízos para a aquisição da língua falada e escrita. Pelo contrário, as evidências mostram que a aquisição da língua de sinais potencializa a aquisição de outra língua (DAVIDSON; LILLO-MARTIN; CHEN-

-PICHLER, 2013). Os estudos também mostram que é importante garantir o acesso à língua de sinais com a presença de surdos adultos enquanto referências linguísticas, mas para além disso, há evidências de que a interação entre os pares surdos compartilhando a língua de sinais é fundamental (GAGNE; SENGHAS; COPOLLA, 2019). Assim, garantir a aquisição da linguagem significa garantir às crianças surdas crescer em um ambiente no qual elas possam interagir com outras crianças surdas, além de ter contato com adultos surdos e ter seus pais aprendendo a língua de sinais.

O espaço escolar é onde isso pode acontecer de forma mais efetiva. A presença de professores surdos, professores bilíngues e colegas surdos permitirá o estabelecimento de um ambiente em Libras e um ambiente bilíngue. Nesses espaços, torna-se fundamental o ensino de Libras como língua e o ensino em Libras (língua de instrução) para o acesso aos conhecimentos escolares. O ensino da Língua Portuguesa acontece em paralelo configurando o contexto bilíngue no qual os surdos estão inseridos. O papel da família, portanto, é de se integrar a esta condição bilíngue, buscando aprender a língua de sinais, entrando em contato com as comunidades surdas para conhecer seus aspectos sócio-antropológico-culturais, além da língua.

3. Recomendações aos profissionais

Aos profissionais cabe planejar a educação bilíngue de crianças surdas com acesso à língua de sinais por meio de interações linguísticas envolvendo práticas com adultos surdos, adultos bilíngues e pares surdos. Às crianças precisa ser garantida a imersão na língua de sinais que servirá de base para o seu desenvolvimento linguístico, social, cultural e cognitivo. Essa imersão precisa ser planejada, incluindo as famílias dessas crianças. Os pais precisam aprender a Libras e conhecer as comunidades surdas. Dessa maneira, as crianças também terão acesso às comunidades surdas e crescerão com seus pais e outros surdos e pessoas bilíngues estabelecendo sua língua de herança, a Libras.

4. Conclusões

A educação de surdos deve garantir o acesso aos conhecimentos escolares, mas antes disso, o acesso à Libras. A língua é a base das interações no

acontecimento escolar. Portanto, as crianças surdas devem adquirir a língua de sinais com sentido na interação com seus pares e com seus professores e pais.

A privação da linguagem apresenta consequências sérias no desenvolvimento das crianças surdas. Várias pesquisas atestam os efeitos da aquisição tardia em crianças surdas que implicam em comprometimento de ordem linguística, mas também social e cognitivo.

O espaço escolar é o espaço no qual as crianças surdas têm contato com a língua de sinais. Portanto, as políticas linguísticas devem planejar a aquisição da língua de sinais neste espaço, convidando os pais a integrarem as experiências das práticas linguísticas na língua de sinais. Os pais precisam fazer parte desse processo, pois fazem parte da comunidade escolar. As interações por meio de práticas linguísticas interativas com sentido favorecem o desenvolvimento das crianças surdas.

Agradecimento

Agradecemos ao órgão financiador de pesquisa, CNPq (Processo 440337/2017-8) que com os resultados das pesquisas fomenta as políticas linguísticas públicas.

REFERÊNCIAS

CURTISS, S. (1977). *Genie: a psycholinguistic study of a modern day "wild child"*. New York: Academic.

EMMOREY, K. & CORINA, D. (1990) Lexical recognition in sign language: effects of phonetic structure and morphology. *Perceptual and Motor Skills*, 71, 1227-1252.

EMMOREY, K.; BELLUGI, U.; FRIEDERICI, A. & HORN, P. (1995) Effects of age of acquisition on grammatical sensitivity: evidence from on-line and off-line tasks. *Applied Psycholinguistics*, v. 16, 1-23.

GAGNE, D.; SENGHAS, A. & COPPOLA, M. (2019) *The influence of same-age peers on language emergence*. Presentation at Theoretical Issues of Sign Language Research, 13 Conference. Hamburg.

ISRAELITE, N., EWOLDT, C., & HOFFMEISTER, R. (1992). *Bilingual/bicultural education for Deaf and hard-of-hearing students: A review of the literature on the effects of native sign language on majority language acquisition*. Toronto, ON: Ontario Ministry of Education.

JOHNSON, R. E., LIDDELL, S. K., & ERTING, C. J. (1989). *Unlocking the curriculum: Principles for achieving access in Deaf education* (Gallaudet Research Institute Working Paper N. 89-3). Washington, DC: Gallaudet University Press.

LENNEBERG, E. H. (1967) *Biological foundations of language*. New York: John Wiley.

MACKRIDGE, P. (2019) *The Greek origin of the term diglossia*. Disponível em: <https://www.academia.edu/39637084/The_Greek_origin_of_the_term_diglossia_>.

MAHSHIE, S. N. (1995). *Educating Deaf children bilingually: With insights and applications from Sweden and Denmark*. Washington, DC: Gallaudet University Press.

MAYBERRY, R. I. (2010). Early language acquisition and adult language ability: What sign language reveals about the critical period for language. In M. MARSCHARK & P. SPENCER (Eds.), *Oxford handbook of Deaf Studies, language, and education* (v. 2). New York, NY: Oxford University Press.

MORFORD, J. P., & MAYBERRY, R. I. (2000). A reexamination of "early exposure" and its implications for language acquisition by eye. In C. Chamberlain, J. P. Morford, & R. I. Mayberry (Eds.), *Language acquisition by eye*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

QUADROS, R. M. de. (2017) *Língua de Herança: a Língua Brasileira de Sinais*. Editora Penso. Porto Alegre.

QUADROS, R. M. de; Neves, B. C.; Schmitt, D. & Lohn, J. T. *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*. Florianópolis.: Editora Guarapuvu, 2019.

SNODDON, K. (2011). *Action Research with a Family ASL Literacy Program*. V. 3.1. Equinox Publishing. 268-288.